

«Sabedoria que faz sentido para mim.
Um presente sagrado para um mundo inquieto.»
ELIZABETH GILBERT, autora bestseller de *Comer, Orar, Amar*

tudo

um convite inspirador

é

para descobrirmos quem somos

espiritual

e o que estamos aqui a fazer



FAROL

Rob Bell

Autor bestseller do New York Times

«Pensa nas mudanças que já sofreste: foste célula,
agora és ser humano. Mantém-te ágil, não pares.»

RUMI

A minha avó tinha dinheiro no soutien.

Pedia-lhe uma nota de 20, ela levava a mão, tirava um maço e dizia:

— Pode ser uma de 10 e duas de 5.

Quando estava no liceu, em meados dos anos 80, ia visitá-la à quinta. Vivíamos em Okemos, um subúrbio de Lansing, a capital estatal no centro do Michigan. Levava o nosso *Oldsmobile* pelo campo, até à velha casa de tijolo rodeada por celeiros, por pastos e plantações. Estacionava no caminho de acesso e o cão dela, *Gunner*, contornava o veículo e urinava nos quatro pneus. Ela costumava fazer o jantar e depois íamos para as cadeiras de verga branca no alpendre.

Lembro-me do vento, de como soprava pelos campos e entre os celeiros, fazendo tocar os espanta-espíritos pendurados das caleiras do telheiro. Por vezes conversávamos, noutras ocasiões ficávamos durante longos períodos em silêncio. Encontrava-me naquele espaço ténue entre a mocidade e o homem, tentando perceber quem era e para onde ia, sempre cercado pelos dramas e pela insanidade do liceu.

Tudo à minha volta estava escalonado. Havia os melhores alunos, os melhores atletas e os miúdos mais fixes, que eram convidados para as festas certas. Para onde quer

que olhasse havia sempre alguém melhor. Uma pessoa mais inteligente, mais rápida, mais a par dos códigos ambíguos que definem quem tem e quem não tem.

Vivia com a mágoa contínua de estar meio passo atrás, assombrado pelas eternas questões:

Terei aquilo que é preciso?

Encontrarei o meu lugar?

Serei suficientemente bom?

Mas depois sentava-me numa daquelas cadeiras de verga e as questões desvaneciam-se temporariamente; eu ficava a ouvir o vento e, nesses momentos, naquele sítio, tudo ficava bem, mesmo que não estivesse.

Naquele alpendre experienciei um silêncio preenchido, um estado de graça sublime em que a presença de outro comunica todo um mundo de verdade sem quaisquer frases ou expressões.

Por vezes, a minha avó contava-me sobre o grande amor da vida dela, o primeiro marido, Preston, pai do meu pai. Durante a Segunda Guerra Mundial, Preston servira num porta-aviões no Oceano Pacífico. No dia em que chegou da guerra, entrou em casa, cumprimentou a família, largou as malas e depois saiu à procura de emprego, para onde foi bem cedo na manhã seguinte. As histórias que ela contava sobre Preston eram assim — cheias de ação e de propósito. Não era um homem que ficasse à espera de que as coisas acontecessem. Desenvolvera cancro durante a guerra e morreu aos 34 anos.

Diz o meu pai que ninguém lhe contou, nem ao irmão Douglas, a gravidade da doença. Certo dia, o tio do meu pai apareceu e disse-lhe que tinha de levá-lo a um sítio. O meu pai entrou para o banco traseiro do carro, viu o primo ali sentado e perguntou:
— Aonde vamos?

O primo respondeu:
— O teu pai morreu. Vamos à funerária.

Lá chegados, disseram ao meu pai que não podia chorar, porque estavam todos felizes por ele estar no Céu.

À data, o meu pai tinha 8 anos, o irmão, Douglas, 6.

Aos 17 anos, o meu pai e o irmão envolveram-se num acidente. Douglas ficou gravemente ferido e foi levado para o hospital. A minha avó seguiu na ambulância com o filho e o meu pai ficou no local do acidente. Na manhã seguinte soube que o irmão morrera, e depois, no funeral, disseram-lhe:
— Não vais chorar porque estamos felizes por o Douglas estar no Céu.

A minha avó chamava-se Eileen,
o meu pai chama-se Rob,
e desde cedo senti a história entre eles.
Amor, sim.
Lealdade, absolutamente.
Mas também uma certa melancolia, uma mágoa discreta
entre eles. Não vieram de uma cultura em que se falasse

sobre a dor, com as mensagens dominantes a serem mais
na linha do

Sê bom

Não pares

Segue as regras

e

Acredita que tudo segue um plano divino.

E assim faziam.

Juntos haviam sofrido perdas irreparáveis, o que os unia,
mas esse laço estava maculado pela perda.

Apercebi-me dessa mágoa a pairar entre a minha avó
e o meu pai, e desde tenra idade quis fazê-los rir.

Só me lembro disso.

Fazia-a rir.

Fazia-o rir.

Se os levasse às lágrimas com as gargalhadas sentia-me
realizado.

Eileen voltou a casar, por volta da altura em que os meus
pais casaram. O novo marido era agricultor.

Era um bom homem,
mas nunca esteve realmente presente.
Havia muito que se afastara.

Eileen e eu ficávamos no alpendre a ouvir o vento,
enquanto ele via televisão dentro de casa, no seu cadeirão.

Ali estava ela,
longe, naquela quinta,
com um homem que passava a maior parte dos dias
no cadeirão.

E depois eu aparecia, cheio de angústia, dor,
curiosidade e riso.
Naquela quinta silenciosa.
Naquele casamento inerte.
Sei o que se passava,
o que éramos uns para os outros.

A minha avó não era uma pessoa efusiva, mas eu sabia
que acreditava em mim. Eu precisava disso. Ela não se
alongava. Era uma convicção pessoal. Mas eu sabia.

E depois, aos 21 anos, fui dar aulas de esqui aquático num
campo no norte do Wisconsin. Ao domingo de manhã,
num renque de pinheiros, havia um serviço religioso
para quem trabalhava no campo. Certa semana,
as pessoas que geriam o campo perguntaram se alguém
queria falar no domingo seguinte. Ofereci-me.
Nunca fizera algo assim. Mensagens, sermões,
ensinamentos, conversas espirituais — há uma série
de nomes diferentes —, tudo isso era novo para mim.
Ficar à frente de um grupo de pessoas e dizer algo útil,
inspirador ou profundo sobre Deus, a vida e a morte,
e sobre como viver?
Como é que se faz isso?
Por onde começar?
Não obstante, dentro de mim tinha uma certa curiosidade:

Como seria experimentar fazer isso?

E chegou o domingo. Usava uma camisa bordeaux com padrão de espadartes e sandálias *Birkenstock*. Assim que fiquei à frente daquela gente sentada em bancos feitos de troncos descalcei-me, pois tive a sensação de que o solo se mexeu por baixo dos meus pés. Estava agora em terreno sagrado e a minha vida não voltaria a ser a mesma.

Foi tão claro como isto.

Foi aterrorizante e emocionante, como se tivesse chegado a casa.

E adorei. Desde logo.

Como se tudo o que me acontecera na vida até àquele momento tivesse levado *àquilo*.

Ao longo dos anos ouvira pessoas a transmitir mensagens, ensinamentos e sermões. Regra geral, não os considerava propriamente cativantes. Mas aquilo — aquela CONVERSA ESPIRITUAL em que me metera —, isso era, parcialmente, teatro de guerrilha, em parte arte performativa, em parte reunião de recuperação, em parte poesia, em parte retórica subversiva. Sentia-me cativado.

Naquele momento decidi que *é isto que vou fazer com a minha vida*.

Anos depois, a minha avó e eu acabámos a morar perto um do outro e começámos a almoçar juntos à sexta-feira. Fizemo-lo nos últimos 10 anos da vida dela. Estava presente quando iniciei o meu trabalho como pastor e ouviu-me a debitar os primeiros sermões. Sentia-me impelido a explorar esta forma de arte e a levá-la até onde nunca estivera; lancei-me de cabeça, com a minha avó algures no público.

Ela testemunhou muitos desses primeiros fiascos. Tantas tiradas frenéticas, as tentativas altaneiras de inspirar as pessoas. O lança-chamas. O enorme monte de terra. A vez em que levei uma série de animais para marcar uma posição acerca de qualquer coisa e eles começaram a defecar em palco. Quando me vesti de xerife para ilustrar algo, mas não expliquei adequadamente o motivo por que estava com roupa de xerife, de tal modo que, no fim do sermão, alguém na audiência me perguntou:

— Porque é que está mascarado de xerife?

Foi tão humilhante...

Ali a suar, naquela farda castanho-clara incómoda, a sentir a vergonha intensa do fracasso, a questionar-me: *Quem é que julgo que sou para estar a fazer isto? Estarei a desperdiçar o meu tempo?*

Eileen assistiu a tudo.

Não sei até que ponto compreendia aquilo que eu estava a tentar fazer, mas ela estava presente sempre que eu orava. Mesmo quando deixou de conduzir, Helene, a amiga de 92 anos — que ainda conduzia —, levava-a.

Ali ficava, radiante.

O meu pai tem muito poucas recordações positivas do seu pai, Preston, antes de este morrer. Lembra-se de uma carta que Preston enviou aos pais, onde se queixava do comportamento do meu pai e do irmão. Lembra-se de

um homem que agia como se os filhos tivessem sido uma perturbação na vida dele.

Eileen, essa, idolatrava Preston.

Disse-me que ele era «demasiado bom para este mundo». «É por isso que me foi levado tão novo» — era a explicação que tinha para a morte prematura do marido.

E depois ali estou,
entre aqueles dois,
a dar sermões.

E a rir.

As perdas deles moldaram-me. Não cheguei a conhecer Preston, nem Douglas, mas, não obstante, eles estiveram presentes na minha vida desde o primeiro momento.

A sua
ausência
foi uma forma de
presença.

E essa presença na ausência afinou-me para as mágoas e para os paradoxos da vida. Qualquer que fosse a fórmula, a explicação ou a garantia que me dessem, eu sentia sempre que as coisas eram mais complicadas, mais ténues, mais misteriosas do que me diziam — não sei quanto disso virá dos traumas que Eileen e o meu pai haviam sofrido e que ainda corriam no sangue da família. No meu sangue. Apercebi-me intuitivamente da fragilidade e do absurdo inerentes à experiência que todos aqui vivemos, quão rapidamente as coisas enegrecem

e se tornam trágicas, como nos esmagam o coração.
Estava cercado por amor e por apoio, mas, por aquilo que eu sabia da história para onde entrara, isso podia ser levado num abrir e fechar de olhos.

Por mais sólida que a vida pareça,
ela é também muito, muito frágil.

E, depois, a minha esposa Kristen e eu tivemos o primeiro filho. Batizámo-lo Robert Holmes Bell the Third.
Tratamo-lo por Trace — *three* é *tres* em castelhano.
Houve um momento, no hospital, em que apresentámos o nosso filho ao meu pai.

Robert Senior, este é o Robert the Third.

Sinto as várias gerações nesse momento, como se houvesse uma continuidade, como se eu fizesse parte de uma grande cadeia que se prolonga muito para trás de mim.

Ficava horas ao lado do berço, a olhá-lo, repleto com um amor imenso por aquele pequeno ser que não faz grande coisa. Este amor unidirecional é inebriante. Ele nada tem de fazer e deixa-me completamente fascinado. A sensação com que fico depois de horas intermináveis a vê-lo a dormir é de que ele está aqui para me ensinar alguma coisa.

E depois, quando o nosso segundo filho nasceu, em abril de 2000, houve aquele momento em que apresentei o meu pai ao seu novo neto.

Pai, este é o *Preston Douglas Bell*.

Olho para a expressão do meu pai enquanto ele diz os dois nomes

Preston,

Douglas...

O pai dele,

o irmão dele,

tanto passado,

tanta dor,

introduzida, de repente, entre nós,

ali, naquele quarto de hospital.

Quero tudo o que tenho naquele quarto,

quero tudo de volta,

quero ver-lhe o rosto ao dizer os nomes.

É como se estas múltiplas gerações de almas

criassem um círculo infindo,

misturando-se e interagindo.

Todas as noites, antes de ela se deitar, os pais de Eileen perguntavam-lhe:

— O que fizeste hoje para pagar o teu sustento?

Ouvira essa história ao crescer, mas não passara disso:

uma história. Até que comecei a debater-me. Tinha um

motor que não conseguia desligar, um ímpeto insaciável que me levava muito além do que era capaz de aguentar.

Trabalhar, trabalhar, trabalhar.

Faças o que fizeres continua, fica sempre um passo

à frente da dor.

No meu primeiro trabalho como pastor, uma das minhas responsabilidades era celebrar casamentos. Certo sábado officiei três cerimónias matrimoniais. Com três casais diferentes, em três locais distintos. Agora penso nisso e rio. Pelos vistos, quando o segundo casal me perguntou sobre essa data específica, em vez de dizer «Sinto muito, mas nesse dia já tenho um casamento.», disse:

— Que horas tinham em vista?

Essa história mostra bem que eu não sabia recuar, como fazer uma pausa, como desligar o motor. Ao invés continuava, forçando-me inexoravelmente. Aceitava cada vez mais um pouco de tudo. Apresentava uma lição à quarta-feira à noite. Depois outra no sábado à noite. E outra no domingo de manhã. E depois, amiúde, outra ainda nessa noite. Fi-lo durante anos. Era como se quisesse chegar a algo que continuava inalcançável.

Acabei por me ir abaixo.

Entrei em *burn out*.

Sentia-me exausto.

Dei comigo em posição fetal, no chão do meu gabinete, entorpecido, a interrogar-me onde falhara.

Comecei a procurar respostas. E foi aí, nessa demanda, que principiei a ver uma narrativa mais vasta a desenrolar-se ao longo de várias gerações.

Recordei a história sobre perguntarem a Eileen:

O que fizeste hoje para pagar o teu sustento?

Vi esta falta de graça geracional.

Amor, sim.

Mas também uma necessidade avassaladora de dar provas, de auferir, de fazer.

O que se faz quanto à dor da vida?

Continuamos em frente, continuamos a fazer, continuamos a empreender. Aconteça o que acontecer, não podemos ser preguiçosos. Não deixes que pareça que estás a deixar andar. E, aconteça o que acontecer, mantém-te sempre um passo à frente da dor. Mantém-na enterrada. Mantém-na reprimida.

O meu pai costumava dizer-me:

— Podes encontrar muita gente mais inteligente do que eu, mas nunca vais encontrar quem trabalhasse mais.

Isso soava-me tão impressionante em pequeno! O meu pai já era para mim maior do que a vida, e palavras destas tornavam-no ainda maior.

Mas quando as coisas começaram a esboroar-se para mim, e regressi ao cerne das mensagens que fora captando ao longo dos anos, comecei a ver o que mais aí se escondia. Era como se tivesse uma mensagem gravada nas células: *Faças o que fizeres continua, pois se abrandares e sentires tudo sabe-se lá o que pode acontecer.*

Com a ajuda de vários guias, ao longo de uma série de anos, comecei a ver uma nova maneira de ser, algo assente na verdade perene:

Nada tenho a provar.

Vejo uma corrente de almas,
entre uma geração e a seguinte,
vejo o que me foi dado,
vejo o que posso largar.
Vejo o que não tenho de continuar a carregar.

Reparo continuamente no que estou a aprender com
os meus filhos. Amá-los à medida que abrem caminho
no mundo é ver-me a abrir o meu caminho.

Vejo-me

a mim

neles

e como toda essa exploração foi bela e estruturante.
Eles ajudam-me a abraçar a mais ínfima parte da
minha história. Vejo que tudo fez parte dela. Todas as
interrogações e deambulações. Eles mostram-me que tudo
foi bom, mesmo quando não foi.

Encontro um velho recorte de jornal que nunca vira.
É um artigo sobre Eileen e como ela andou em digressão
no início da década de 60, a falar com vários grupos acerca
de nutrição e de bens de consumo. Foi à rádio,
deu entrevistas.

A sério?

Uma mãe sozinha construiu uma carreira como oradora
itinerante na década de 1960?

Ela nunca o comentou.

O que mais me passou ao lado?

Eileen e eu nascemos com 50 anos de intervalo.

O período que vai desde a mãe dela até à minha filha
abrange o final do século XIX e o início do século XXI.
Preston morreu 20 anos antes de eu nascer,
50 anos antes de o nosso Preston nascer.

Lembro-me de visitar Eileen a 22 de agosto de 2008.
Sabíamos que ela estava perto do fim, mas eu não estava
preparado para o que experienciei quando entrámos no
quarto.

Ela estava na cama,
mas não estava lá.

Estava presente, a inspirar lenta e morosamente,
mas a parte dela que a tornava quem *ela* era estava
ausente.

Como se já tivesse partido.

Estaquei.

Sabemos que alguém que amamos vai morrer,
mas quando chega o dia nada há que nos prepare para *isso*.

Ali fiquei, sem saber o que fazer.

Kristen acercou-se da cama,

sentou-se ao lado dela,

segurou-lhe as mãos e depois aproximou-se, sobre o

coração de Eileen, dizendo, na mais calma das vozes:

— Estamos aqui, sabemos que nos vai deixar e queremos
que saiba que a amamos, que estes anos consigo foram
maravilhosos e que estamos a deixá-la partir...

Foi tão comovente como parece.

Eileen morreu poucas horas depois,
no meu aniversário.

Faço o elogio fúnebre no funeral de Eileen. Depois vamos até ao talhão da família Bell, em Williamston. Largamos flores sobre o caixão quando este é baixado para o buraco na terra. Dizemos uma oração. Maxine, irmã de Eileen, está sentada na primeira fila, resmoneando repetidamente em voz baixa:

— Tínhamos tantos segredos, tínhamos tantos segredos...

A sério?

O serviço fúnebre termina e todos regressam aos carros, até só restarmos eu e o meu pai, lado a lado, junto à cova aberta. Ele fica calado por uns instantes, depois vira-se para mim e diz:

— Há coisas que te quero contar sobre o que aconteceu quando o meu pai morreu e quando o meu irmão morreu.

Eu sabia. Eu sabia que havia mais.

Pouco depois ele reúne a família e pega num monte de fotografias. Nunca as tinha visto. Fotografias dele com o pai, outras com o irmão. Ele descreve ao pormenor o que foi ficar a ver a ambulância a afastar-se. Já ouvira alguns pormenores ao longo dos anos, mas nunca da boca dele, e nunca a história toda. Revive as poucas recordações que tem do pai. Mostra-nos uma imagem dele e do irmão num barco, no rio junto à casa onde moravam.

Ele termina e depois diz:

— Agora já não há mais segredos.

Olha para cada um de nós.

Faz uma pausa.

E depois chora.

É a primeira vez que vejo o meu pai a chorar.

Nesse momento, para mim, ele torna-se num milagre.

Vejo quão facilmente ele poderia ter seguido outro rumo.

Desespero. Angústia. A dor poderia tê-lo arrasado.

Mas não o fez.

Ele canalizou tudo isso para um ímpeto fabuloso para trabalhar, para ser bem-sucedido, para servir o bem maior e para ser o pai para mim, para a minha irmã Ruth, e para o meu irmão Jon, que ele nunca tivera.

Ao observar aquelas lágrimas pela primeira vez, vejo como essa ordem, essa estrutura, esse êxito, essa força, essa lei — o meu pai foi juiz durante 44 anos —, essa religião, essas regras, como tudo isso, bem como tudo o mais que me influenciou, vejo como isso o ajudou. Vejo o que foi para ele, como isso deu forma e rumo à vida dele. Vejo o abismo de onde ele se decidiu a sair. Vejo de onde veio a intensidade de toda essa produção. Fico com uma maior sensação da escala da história da qual faço parte, uma narrativa que vem desenrolando-se ao longo dos anos.

Nesse momento fico de coração quebrado, mas no bom sentido. O milagroso presente em tudo aquilo abate-se sobre mim. Não é só ele, nem o caminho que seguiu, mas toda a minha existência.

Estou aqui.
Que facto maravilhoso.
Estamos todos aqui.
Que fenómeno estrondoso.

E a casa da quinta, com alpendre, onde Eileen e eu nos sentávamos quando a visitava? Era nessa casa que os meus pais moravam *quando eu fui concebido*.

E a nossa filha, Violet,
cujo nome do meio é
Eileen
está comigo no Starbucks pouco antes de eu começar a escrever este livro,
e quando eles lhe perguntam o nome a escrever no copo ela diz:
— Eileen.

**Contei tudo isto, de onde vim e de quem vim,
porque nós dois somos iguais.**

Vimos de algum lado.
Vimos de alguém. De alguns *corpos*.
Nascemos para algo.
Já está em movimento.

Qual peça, aparecemos no palco a meio do segundo ato.
Uma criança é como uma tábua rasa?
Não.

Desde o primeiro momento que a nossa vida está cheia de história, de drama, de amor, de feridas, de tragédia, de esperança. Já sou misterioso quanto baste para mim,

quanto mais para aqueles de quem vim, quanto mais para todas as pessoas que encontro constantemente, com esperanças, receios, histórias e mistérios próprios, quanto mais para esta «pedra» a que chamamos lar, que percorre o espaço a 107 mil quilómetros por hora.

Tudo isto tem um toque de infinito.

Nunca deixamos de descobrir quem somos e como fomos moldados pelas pessoas e pelos lugares de onde viemos. Podemos explorar continuamente o nosso coração, a nossa mente, as nossas lembranças, há mais do que suficiente para uma vida inteira de descobertas.

E isso sem sairmos de nós.

Se nos afastarmos dos nossos limites, se olharmos para o mundo que nos rodeia, é estarrecedor...

Todas as galáxias no Universo estão a afastar-se das restantes galáxias porque tudo está a expandir-se desde há 13 mil milhões de anos.

O quê?!

A nossa galáxia, a Via Láctea, aquela a que chamamos o nosso lar, desloca-se a cerca de 800 mil quilómetros por hora? Porquê? Para onde vai?

E, pelos vistos, o Sol vai esgotar-se daqui a cerca de cinco mil milhões de anos?

Quer dizer que isto não é eterno?

Tem... um *fim*?

E sabemos agora que o tempo é, na verdade, uma ilusão continuada?

Aquilo que compreendemos como passado, e presente,

e futuro existe numa espécie de *eterno agora*?

O quê?!

E somos todos compostos por milhares e milhares de milhões de átomos, pois tudo, em todo o lado, é composto por átomos?

E os átomos não são realmente coisas, nem matéria, mas sim uma espécie de relações de energia ou nuvens de possibilidades, compostos, grosso modo, de espaço vazio?

Que fenómeno espantoso
é esta vida em que nos encontramos.

É claro que temos muitas perguntas.

É claro que é fácil sentirmo-nos perdidos e assoberbados.

É claro que quando vemos as nossas primeiras imagens de um buraco negro, o melhor que conseguimos dizer é *Uau!*

O que mais podemos dizer acerca de uma coisa que nunca ninguém viu?

É claro que nos interrogamos quanto ao sentido de tudo.

É claro que é importantíssimo quando descobrimos que há mais quem sinta o mesmo.

É claro que sentimos terror, alegria, esperança e desespero, por vezes tudo no mesmo dia.

É claro que sentimos que tem de haver algo mais.

Desde pequeno que o sinto,
a convicção de que há mais alguma coisa,
de que o mundo não é um sítio morto e gelado,
mas uma realidade dinâmica mais interessante
e misteriosa do que sempre nos disseram.

Este livro é sobre *essa* sensação.

Tentei escutá-la,

confiar nela,

seguí-la

— esta percepção de que tudo está ligado a tudo o resto,

que tudo importa,

que tudo se dirige a um determinado ponto.

Levou-me a sítios que nunca teria imaginado,

lugares onde o pessoal e o cósmico se juntam,

onde vi que o mais íntimo também é universal,

onde o que me é mais específico é também

comum a todos.

Não sabia que a minha vida poderia seguir este rumo

— que poderia ser

mais cativante,

mais relevante,

mais misteriosa,

mais surpreendente,

mais fascinante a cada ano que passa.

A experiência que estamos a ter

é como um convite ininterrupto,

e podemos dizer sim,

vezes e vezes sem conta.

E, quando o fazemos, isso abre novas perspetivas,

novas ligações, possibilidades que nunca imaginaríamos

possíveis...

Cresci numa quinta. Mais ou menos.

Aos 5 anos mudámo-nos para uma casa de quinta da viragem do século, em quatro hectares de terra cercados por bairros suburbanos. Havia um celeiro, um silo, um galinheiro, três hectares de campos de alfafa, 12 mil metros quadrados de relvado, 50 cerejeiras e 50 macieiras. A dada altura tivemos 17 gatos que alimentávamos junto à porta das traseiras. Tínhamos um trator *John Deere*. Às vezes ia ao treino de futebol e depois vinha para casa e carregávamos feno. Tinha aulas de piano e sabia manobrar uma ceifeira-debulhadora. Não tínhamos vacas, nem galinhas, nem cavalos, mas havia rampas para BMX no celeiro.

Tínhamos um «barco de pedra».

Um barco de pedra é um grande trenó de metal puxado por um trator. Uma pessoa conduz enquanto as outras seguem o barco de pedra, recolhendo pedras do campo e carregando-as no trenó, de modo a que haja menos pedras que atrasem o tratamento do solo com o arado. Seguir o barco de pedra pelos campos era extenuante e estranhamento hipnótico, connosco a enfiar as mãos na terra, a agarrar as pedras com firmeza, a retirá-las do chão e a pousá-las no trenó metálico.

Lembro-me do cheiro desse solo do Michigan. Da forma como as pedras me arranhavam as palmas das mãos. Dos ratos que fugiam dos pneus do trator. Do Sol a pôr-se enquanto descíamos a encosta no campo mais distante.

Jogávamos hóquei no charco do outro lado da estrada. O gelo fez um som característico quando se partiu e o meu amigo Ray caiu à água. Ao sair de lá, voltou ao gelo e continuou a jogar, com as calças sólidas por terem congelado.

Tivemos um cão chamado *California Sunshine*. Adorava esse cão. Gostava tanto dele que tinha uma camisola amarela, que usava todos os dias, com uma estampa à frente que dizia ADORO O MEU CÃO. Certo dia, durante a quarta classe, cheguei da escola e os meus pais estavam à minha espera e da minha irmã Ruth. Disseram-nos que o *Sunshine* fora atropelado e morrera. Fomos todos até ao campo mais distante, onde o meu pai abriu um buraco. O *Sunshine* estava no chão, inerte. Chorámos um bocado e depois enterrámo-lo. *O som da pá a atirar a terra para cima do corpo*. Nunca me sentira tão triste.

Aos 7 anos, os meus pais compraram uma casa de madeira de 55 metros quadrados na península superior do Michigan, cinco horas de carro a norte da nossa casa. A cabana, que não tinha telefone nem televisão, ficava num pequeno lago no meio de 1200 hectares de floresta nacional. Ficávamos a maior parte dos verões nessa casa, passando dias inteiros descalços, a nadar, a caçar rãs e a correr pela mata. Era demasiado longínquo para que se fizesse recolha de lixo — a mercearia mais próxima ficava a 45 minutos de distância —, pelo que os habitantes em torno do lago escavaram um buraco imenso na mata. Atirávamos o lixo lá para dentro e de vez em quando ateavam-lhe fogo.

Chamava-se o *aterro*.

Por vezes, depois de anoitecer, íamos de carro até ao aterro e ficávamos em silêncio junto ao grande buraco, na esperança de que aparecesse um urso a revirar o lixo.

Algo que acontecia com regularidade. Ficávamos todos na nossa carrinha *Chevrolet Caprice Classic* bordeaux de 1982, com um urso a poucos metros, a tentar não fazer barulho. Paralisados, com um misto de receio e fascínio temperado com adrenalina.

E depois havia a água. Eu adorava a água. Comecei a fazer esqui aquático aos 8 anos, tendo 14 quando aprendi a esquiar descalço, sem os esquis. O barco vai muito depressa e nós deslizamos sobre a água com os pés descalços. Para mim, que estava a crescer, foi uma experiência singular, sem nada que se equiparasse a essa sensação. O barco descrevia uma curva apertada e eu deixava que o impulso da manobra me atirasse para fora da esteira criada pelo barco. Haviam-me dito que podia duplicar a velocidade do barco se o fizesse corretamente. Deslizar descalço sobre a superfície da água, a mais de 80 quilómetros por hora, levava-me a píncaros indescritíveis.

Areia, solo, água, árvores, cães, pedras, ursos, matas, fardos de palha, os meus pés a deslizarem sobre a superfície do lago — cresci com uma sensação visceral de ligação à terra.

Os sítios e os espaços de onde venho moldaram-me, como se me dissessem de inúmeras formas que eu fazia parte deles. Parte da terra. Parte de tudo. Como se

partilhássemos algo. Como se fosse vivo. Como se tivesse alguma coisa a dizer.

Tinha a sensação de que estava alguma coisa a acontecer nesta... nesta coisa, nesta matéria, algo que podemos agarrar, tocar, transportar, sentir, aquilo de que os corpos, a terra, o ar, o sol e a água são feitos.

Ainda hoje, é na água que tudo faz mais sentido para mim. Visto o fato de mergulho e pego na prancha, correndo pela areia até ao oceano, perto do lugar onde moramos em Los Angeles.

Ao afastar-me da praia sinto-me

sempre,

sempre,

sempre

como se voltasse tudo mais uma vez ao início. O cheiro da cera, o golfinho que ali passou, o som da onda a rebentar atrás de mim enquanto deslizo pela água. O padrão de energia que me impele pela superfície da terra. Não só nunca me farto, como é sempre uma novidade.

Em pequeno, os meus pais levavam-nos à igreja.

**A maior parte do serviço parecia-me sensaborona,
mas as narrativas sobre Jesus afetavam-me.**

O que mais me marcou nessas histórias foi o facto de os maiores mistérios se encontrarem nas coisas mais pequenas. Uma mulher amassa o pão, uma festa precisa de mais vinho. Um homem enterra uma semente, pedras

clamam. Havia alguma coisa de infinito a acontecer naquela terra, no suor, na matéria da vida. Sangue, multidões, estradas, amigos — era nas histórias sobre Jesus que se encontrava a vida, a ação, o divino.

Imagino que não o articulasse desta maneira em pequeno, provavelmente diria apenas que sentia que *há mais alguma coisa por aí*.

É por isso que as narrativas sobre Jesus me tocavam. Porque nelas há sempre mais alguma coisa a acontecer.

Indícios de algo intemporal e universal num pai à espera que o filho volte a casa. Sinais de algo infinito na mágoa de uma mulher que está doente e não consegue recuperar. Isso corroborava a minha suspeita de que as coisas tinham um sentido oculto. Muito do mundo em que habitava era um sistema fechado, com tudo reduzido ao que era passível de ser medido e compreendido. O que fosse assimilável pela mente. O que fosse visível. O que fosse prático. O que produzisse resultados. O que fosse eficiente. O que servisse. O meu resultado no teste. Como me saía.

Mas aquelas histórias pareciam abrir a porta de outra divisão. Há muito de errado com a expressão particular da fé religiosa com que cresci, muito que não me atrai.

O que me cativa é a forma como aquelas imagens, as parábolas, as frases me atraíam, impondo, subversivamente, o seu poder, a sua magia.

«QUE FENÓMENO ESPANTOSO É ESTA VIDA EM QUE NOS ENCONTRAMOS.»

É uma incontroversa verdade universal: a vida tem altos e baixos. Todos passamos por grandes momentos, quando tudo faz sentido e nos parece existir um propósito e significado; mas, por outro lado, também deambulamos pelas dores e os fracassos que nos plantam as sementes da dúvida. Será que isto — esta vida — tem um sentido?

Tudo É Espiritual dá-nos a visão de como tudo se encaixa, de como tudo funciona, de como tudo está intimamente ligado. Através de um relato quase autobiográfico, escrito como um fluxo de consciência, Rob Bell fala-nos de como as ideias sobre criação, amor e conexão o moldaram, e de como essas mesmas ideias nos transformam a todos.

O *que estou a fazer neste mundo?* É a pergunta que todo o ser consciente já colocou a si mesmo. Os passos na direção da desejada resposta começam a ser dados no momento em que, enquanto indivíduos, aceitamos quem somos e de onde vimos. Este livro, mais do que ser um mero tomo na estante, dá uma importante ajuda nesse caminho, afirmando-se como um convite para que veja a sua vida de uma forma completamente nova.




«Bell olha para o mundo com uma admiração de criança e uma curiosidade insaciável. Uma reflexão adorável e poética sobre o que nos une.»

BOOKLIST



Penguin
Random House
Grupo Editorial

Espiritualidades

 penguinlivros.pt
  penguinlivros

ISBN 9789895649877



9 789895 649877 >